

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Mauricio Dinepi

Derrotismo, não

São realmente animadores, em seus aspectos fundamentais, os resultados da pesquisa realizada pela Soma Opinião e Mercado e divulgados com exclusividade por este jornal. Dentro do universo pesquisado, o Distrito Federal, foi gratificante observar que 80 por cento das pessoas confiam no futuro imediato do País e cultivam atitude de otimismo em relação ao desate da crise.

Embora o inquérito tenha demonstrado que a população passou a consumir menos, inclusive alimentos, o sentimento predominante está associado à confiança na melhoria das condições de sobrevivência. É sintomático o fato de que 82,2 por cento tenham declarado sua disposição de reduzir as compras do Natal ou simplesmente aboli-las, sem, contudo, revelarem sinais graves de descontentamento. Enquanto 42 por cento acreditam em breves melhorias salariais, 39 por cento manifestam-se satisfeitos com o seu trabalho, de modo que se pode constatar razoável nível de pacificação nas relações trabalhistas.

Outras revelações colhidas pelo inquérito da Soma mostram os sacrifícios que a população enfrenta para escapar aos efeitos da recessão e da inflação, sobretudo a classe média. Como se sabe, os níveis de renda na faixa intermediária da sociedade têm sido mais atingidos em seu poder de compra do que os das classes menos favorecidas. Também é naquele segmento social que ocorre em maior intensidade o fenômeno da participação no incremento do mercado. E quando, como agora, declinam ali os padrões de renda, o comércio é o primeiro a registrar os seus efeitos. A pesquisa da Soma indica declínio nas vendas neste final de ano, em percentual ainda por ser definido.

Fundamental, contudo, é a disposição do brasileiro para enxergar o futuro com otimismo e, mais do que isso, comportar-se de maneira ajustada a esse sentimento. Não está em causa discutir

se o processo recessivo desencadeado pela política econômico-financeira de estilo monetarista atende às reais necessidades do País. Por enquanto, a contração do sistema econômico não produziu quebra significativa da tendência inflacionária, que é o fator principal de desorganização dos mecanismos produtivos e do aviltamento dos salários.

Mas se o Brasil tem de conviver com semelhante experiência, é indispensável fazê-lo distante de condicionamentos derrotistas ou, no mínimo, pessimistas. As elites pensantes fora do poder observam hoje um comportamento por assim dizer sinistrótico, quando se trata de avaliar o quadro econômico-financeiro do País e estabelecer perspectivas para o futuro. O povo, na sua intuição quase divinatória, é bem mais sábio, pois, exposto em maior grau às consequências da crise, cultiva o otimismo e busca soluções imaginosas para o aperto conjuntural. Afinal, outra postura seria simples inconsequência, por não trazer os elementos de recriação e atenuação da realidade.

Um país como este, excepcionalmente dotado de recursos naturais, muitas vezes testado em sua capacidade de fundar uma verdadeira civilização industrial e servido por fatores ambientais extremamente favoráveis às tarefas do desenvolvimento, não pode ceder à pasmaceira ou às tentações da letargia e do pessimismo.

As lições a serem extraídas da pesquisa aqui enfocada são no sentido de que o povo tem consciência das dificuldades conjunturais experimentadas pelo País, manifesta-se irredimido com a perda na qualidade de vida, mas sustenta um decidido sentimento de confiança quanto ao futuro e na sua própria capacidade de vencer as adversidades. As elites precisavam refletir essa realidade. Ou fazem isso, ou serão condenadas a um processo irreversível de alienação.